

Taperas
nas
Paisagens
da
Quarta
Colônia

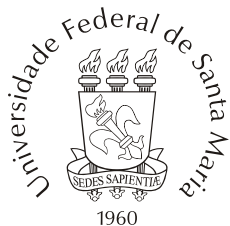
Cesar De David

Cesar De David

Taperas
nas
Paisagens
da
Quarta
Colônia

editora **ufsm**

Santa Maria, RS – 2026



Universidade Federal de Santa Maria

Reitora: Martha Bohrer Adaime

Vice-reitor: Tiago Bandeira Marchesan

Pró-Reitora de Extensão: Milena Freire de Oliveira-Cruz

Diretor da Editora: Enéias Tavares

Conselho editorial: Elisete Medianeira Tomazetti, Enéias Tavares (Presidente), Fernanda Alice Antonello Londero Backes, Hans Rogério Zimmermann, Jucemara Antunes, Lana D'Avilla Campanella, Lucas da Cunha Zamberlan, Luciane Sanchotene Etchepare, Marcelo Battesini, Márcia Lenir Gerhardt, Marília de Araujo Barcellos, Olavo Avalone Neto, Paulo Roberto Costa, Raone Somavilla, Rosani Spanevello e Rosmari Horner.

Revisão de texto: Maicon Antonio Paim e Cássio Jesse Nunes.

Projeto gráfico: Gilberto de Moraes Jr.

Fotografias: Cesar De David

Curadoria: Rogério Lima

Versões: Cesar De David

Revisões:

Francês - Stanislau Sofia e Neiva Francischatto

Inglês - Marcelo Pereira e Rafael Trindade da Silva

Italiano - Ana Elizabeth Rio Branco

Espanhol - Ana Domingues Sandoval e Fernando Pesce

Equipamento: Máquina Fotográfica Nikon D3100 + Nikkor AF-S DX 18-55mm f/3.5-5.6G VR. VMO 1/4000s vs1/3302 s.

© 2026, Cesar de David

D250t David, Cesar de
Taperas nas paisagens da Quarta Colônia [recurso eletrônico] /
Cesar de David. – 1. ed. – Santa Maria, RS : Ed. UFSM, 2026.
1 e-book : il.

ISBN 978-65-5716-171-5

1. Taperas 2. Quarta Colônia, RS 3. Paisagem rural 4. Fotografia I. Título

CDU 94(816.5)(084.11)

Ficha catalográfica elaborada por Paula Schoenfeldt Patta – CRB-10/1728
Biblioteca Central – UFSM



Direitos reservados à:

Editora da Universidade Federal de Santa Maria

Prédio da Reitoria – Campus Universitário – Camobi

CEP: 97105.900 – Santa Maria, RS – (55) 3220.8610

editora@ufsm.br – www.ufsm.br/editora





Silveira Martins, 2018



Sumário

Prefácio	7
Apresentação	9
Presentation / Presentazione	10
Présentation / Presentación	11
Taperas	13
Val de Buia - Silveira Martins, 2017	15
Ivorá, 2023	35
Ivorá, 2023	55
Faxinal do Soturno, 2022	17
Linha Três - Silveira Martins, 2022	37
Ivorá, 2023	57
Linha Três - Silveira Martins, 2017	19
Dona Francisca, 2022	39
Nova Palma, 2022	59
Agudo - próx. Rio Jacuí, 2023	21
Restinga Seca, 2023	41
Dona Francisca, 2022	61
Linha Três - Silveira Martins, 2022	23
Dona Francisca, 2022	43
Agudo, 2022	63
Vila Cattani - Silveira Martins, 2010	25
Nova Palma, 2022	45
Faxinal do Soturno, 2022	65
Faxinal do Soturno, 2022	27
Nova Palma, 2022	47
Dona Francisca, 2022	67
Novo Treviso - Faxinal do Soturno, 2022	29
Pompeia - Silveira Martins, 2017	49
Faxinal do Soturno, 2022	69
Val de Buia - Silveira Martins, 2017	31
Meio Mundo - Silveira Martins, 2022	41
Faxinal do Soturno, 2022	71
Restinga Seca, 2023	33
Rio Jacuí - Agudo, 2023	53
Nova Palma, 2022	73
Taperas nas paisagens da colônia	75
Posfácio	87
Postface	89
Postfazione	90
Postface	91
Posfacio	92
Agradecimentos	94
Sobre o autor	95



Silveira Martins, 2022

Prefácio

Há livros que se leem com os olhos. Outros, com o pensamento. Este, porém, exige também o coração (emoção). *Taperas nas Paisagens da Quarta Colônia* é mais que uma obra; é uma travessia por entre ruínas que pronunciam, silêncios que contam, paisagens que ainda respiram — embora à beira do apagamento. É uma cartografia sensível do que resta e do que insiste em permanecer.

Aqui, cada imagem é um território, cada tapera um signo arqueológico da ação humana sobre a terra. Não se trata de uma coletânea de fotografias melancólicas, mas de uma contundente narrativa geográfica que, através da linguagem visual, devolve espessura ao tempo e profundidade ao espaço. O autor, Cesar De David, conjuga, com rara maestria, o rigor acadêmico e o lirismo contemplativo, oferecendo-nos um atlas da ausência que é, ao mesmo tempo, presença multiplicada.

As taperas — casas desabitadas, galpões vencidos pelo tempo, paredes que já não separam o dentro do fora — são mais do que vestígios físicos. São genótipos espaciais da gênese das paisagens antropogênicas. São testemunhos vivos da dialética entre permanência e transformação, entre o humano e o natural, entre o habitar e o abandonar. Cada ruína, cada tijolo, cada janela aberta ao nada carrega em si o sopro de uma existência passada e o espectro de um território que foi sendo reconfigurado pelas forças impersonais da economia, da técnica, do êxodo, do esquecimento.

A ciência geográfica encontra, neste livro, um sofisticado modo de expressão. Porque pensar a geografia é, antes de tudo, pensar o espaço como construção simbólica, social, histórica e afetiva.

E, nesse sentido, as imagens que compõem esta obra não são meros registros fotográficos — são operações epistemológicas. São mapas afetivos de um rural que esmorece, mas que ainda pulsa nas texturas da terra, nos vincos das paredes, nas sombras projetadas pelas árvores que guardam o que já foi casa, família, quintal, vida.

A fotografia, aqui, é ciência e é arte. É método e é revelação. Não como ornamento ilustrativo de um discurso geográfico, mas como próprio corpo de uma geografia imagética, que se revela como linguagem e como sistema de conhecimento. A imagem é tratada como texto, como narrativa, como enunciado territorial. Ela produz sentido. Ela interroga. Ela denuncia. Ela traduz, para o olhar atento, o que os números e os mapas muitas vezes não capturam: a densidade existencial das paisagens, suas camadas de memória, seus silêncios eloquentes.

As taperas são, de forma aguda a materialização das rugosidades — formas que permanecem mesmo quando as funções que as criaram já cessaram. São o avesso da velocidade, o avesso do progresso linear. São inscrições do tempo profundo na superfície da terra. E, por isso mesmo, exigem uma geografia que pense o tempo, que leia os vestígios, que reconheça a finitude como marca essencial da espacialidade humana.

Este livro é, portanto, um convite à desautomatização do olhar. Um chamado para que enxerguemos, nas dobras da paisagem rural da Quarta Colônia, as narrativas apagadas pelo discurso dominante da modernização. Cada imagem, cada fragmento de ruína aqui retratado, é uma chave interpretativa. É uma porta de entrada

para outras geografias — aquelas que resistem à homogeneização, que ainda guardam a policromia da cultura camponesa, que ecoam a oralidade dos saberes simples, que recusam ser apagadas pela monocultura do esquecimento.

Há uma ética e uma estética neste trabalho. Ética no sentido de reconhecer o valor dos lugares, mesmo quando desabitados. Estética porque traduz em luz e sombra a complexidade do mundo vivido. A obra de Cesar De David, ao aliar o saber geográfico à arte fotográfica, nos oferece uma geografia expandida — que não apenas explica, mas também emociona; que não apenas representa, mas também revela; que não apenas mapeia, mas também comove.

Convido, assim, o leitor e a leitora a adentrar neste território de silêncios povoados, onde cada imagem é uma lição, cada paisagem uma hipótese, cada tapera uma pergunta. Porque a geografia, quando se faz com olhos e alma, é sempre uma forma de escuta — escuta dos lugares, dos tempos, das ausências e dos vestígios.

E que este livro sirva como testemunho de que a paisagem, definitivamente, não se vê apenas com os olhos. Vê-se com memória, com história, com ciência — e, sobretudo, com sensibilidade.

Valdir Adilson Steinke
Universidade de Brasília – UnB





Apresentação

Ao andar pelas estradas e caminhos que atravessam os campos, os viajantes atentos poderão observar uma série de lugares abandonados denominados em língua portuguesa de “taperas”. A palavra é de origem indígena, fruto da junção do tupí-guaraní tawa – taba (lugar onde moram os indígenas) com pwersa – o que foi, por associação taba que foi, lugar da aldeia abandonada.

As taperas constituem elementos do espaço rural que atestam a ocupação anterior e que deixou marcas mais ou menos visíveis na paisagem, de acordo com o maior ou menor grau de conservação das construções e demais objetos. A forma das taperas é bastante variável, algumas conservam o aspecto original das moradias e equipamentos de serviço, dando a impressão de que o abandono foi recente. Outras, por sua vez, apresentam poucos vestígios, não restando nada além de ruínas.

Constituem o que Milton Santos¹ denominou de “rugosidades”, a manifestação concreta de um momento de um modo de produção que não mais existe, ao que ficou do passado como forma e que se transformou no testemunho de um momento do mundo. A tapera é, então, um referente que permite acessar o passado, próximo ou distante, trazendo à lembrança relações e processos que não mais

existem. A tendência é que essas marcas no espaço-paisagem sucumbam à ação do tempo e apaguem-se do lugar e, até mesmo, da memória.

Neste livro veremos algumas imagens que pontuam a presença desses lugares abandonados nos campos da Quarta Colônia². São expressões significativas do trabalho e da produção do espaço dos seus antigos moradores que morreram ou que migraram para outros lugares. Ficaram as marcas de suas vidas nessa paisagem tão singular da colônia, algumas já se apagaram, as retratadas neste livro estão seguindo este mesmo caminho.

Cesar De David

¹ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da USP, 2008, pp. 139-141.

² Quarta Colônia é uma região situada no centro do Rio Grande do Sul, estado mais meridional do Brasil. Embora ocupada por populações nativas e seus descendentes, a região vai se caracterizar pela presença da imigração europeia, sobretudo de italianos, chegados a partir de 1875. Atualmente, integram a região nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca e São João do Polêsine e Silveira Martins. O território constitui um Geoparque da UNESCO.